



A CPI da Covid-19 sob a ótica da extrema-direita: análise do perfil *BrazilFight* no Twitter¹

Covid-19 CPI from the perspective of the far right:
analysis of the BrazilFight profile on Twitter

El CPI de Covid-19 desde la perspectiva de la extrema derecha:
análisis del perfil de BrazilFight en Twitter

Germana Plácido de Carvalho Mendes – Universidade Federal do Maranhão | Imperatriz | MA | Brasil. E-mail: placidoGermana@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0469-3820>

Maíra Orso – Universidade Federal do Paraná | Curitiba | PR | Brasil. E-mail: maira.m.orso@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1942-1377>

Mércia Alves – Universidade Federal do Paraná | Curitiba | PR | Brasil. E-mail: merciaalves@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8008-6905>

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de analisar o comportamento da extrema-direita no Twitter em relação à CPI da Covid-19, a partir da análise quantitativa dos conteúdos publicados pelo perfil *BrazilFight*, entre junho e agosto de 2021. Foram analisados 602 *tweets* com menção à CPI, a partir das variáveis analíticas: (a) ataques institucionais; (b) ataques em geral; (c) partido/político atacado; (d) formato; (e) tipo de conteúdo de deslegitimação; (f) tipos de discursos presentes; (h) características do discurso e (i) fontes citadas. Os resultados mostram que há ataques às instituições, com ênfase para as pessoas que trabalham frente à CPI e que o tipo de discurso mais visto possui linguagem conspiracionista, com teor irônico. Nota-se também que o perfil analisado tende a imitar uma narrativa jornalística, bem como utilizar sites alternativos à mídia tradicional para compartilhar informações.

Palavras-chave: CPI da Covid-19; Twitter; BrazilFight.

Abstract: This paper aims to analyze the behavior of the far-right on Twitter regarding the Covid-19 CPI, from the quantitative analysis of the content published by the profile BrazilFight, between June and August 2021. We analyzed 602 tweets mentioning the CPI, based on the following analytical variables: (a) institutional attacks; (b) attacks in general; (c) party/politician attacked; (d) format; (e) type of delegitimizing content; (f) types of discourse present; (h) discourse characteristics; and (i) sources cited. The results show that there are attacks on the institutions, with emphasis on the people who work in front of the CPI, and that the most seen type of discourse has conspiracy language, with ironic content. It is also noted that the analyzed profile tends to imitate a journalistic narrative, as well as using alternative sites to traditional media to share information.

Keywords: CPI of Covid-19; Twitter; BrazilFight.

¹ O resumo deste texto foi apresentado no I Simpósio de Discentes da UERJ – GT Comunicação e Política.



Resumen: Este trabajo tiene como objetivo analizar el comportamiento de la extrema derecha en Twitter en relación con el IPC Covid-19, a partir del análisis cuantitativo del contenido publicado por el perfil de BrazilFight, entre junio y agosto de 2021. Analizamos 602 tuits con mención al IPC, a partir de las variables de análisis: (a) ataques institucionales; (b) ataques en general; (c) partido/político atacado; (d) formato; (e) tipo de contenido de deslegitimación; (f) tipos de discursos presentes; (h) características del discurso y (i) fuentes citadas. Los resultados muestran que hay ataques a las instituciones, con énfasis en las personas que trabajan al frente del IPC y que el tipo de discurso más visto tiene un lenguaje conspirativo, con contenido irónico. También se observa que el perfil analizado tiende a imitar una narrativa periodística, además de utilizar sitios alternativos a los medios tradicionales para compartir la información.

Palabras clave: CPI de Covid-19; Twitter; BrazilFight.

Recebido em: 03/12/2021

Revisado em: 01/11/2022

Aprovado em: 15/12/2022



1 Introdução

A pandemia da Covid-19 no Brasil abriu espaços para diferentes atores e instituições propagarem soluções, ideias, debates, questionamentos etc. em diversos campos da sociedade. Nessas arenas, é comum o impasse entre ciência, agentes políticos, sociedade e mídia que, conseqüentemente, protagonizam papéis estratégicos e provocam ações, juntos ou individualmente, que contribuem ou deslegitimam o cenário relacionado à pandemia.

Nesse sentido, este artigo analisa o comportamento digital da extrema-direita no Twitter em relação ao seu posicionamento diante do cenário da Covid-19, com ênfase à CPI. Partindo dos seguintes questionamentos: “Como se dá a atuação da extrema-direita brasileira em relação à CPI da Covid-19 no Twitter? Pode ser observado um processo de deslegitimação? ”, o trabalho parte de uma metodologia de análise de conteúdo (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2018) com abordagem quantitativa para o tratamento dos dados coletados no perfil da página *BrazilFight* no Twitter. A escolha pela página partiu de observações a três perfis gerenciados pela extrema-direita, no qual a página *BrazilFight* demonstrou-se com maior engajamento entre os perfis analisados. A observação e tratamento dos dados só foram possíveis a partir da criação de variáveis analíticas relacionadas ao contexto de desconfiança, desinformação, redes sociais, representatividade de atores políticos e instituições, e pandemia da Covid-19.

O artigo está dividido em cinco partes, incluindo esta introdução. Na próxima seção, com o intuito de compreender o processo de desconfiança nas instituições e desinformação, analisamos o conceito de desarranjo de visibilidade (ALVES, 2019), a internet como espaço estratégico para propagação desses fenômenos (GOMES, 2007; CERVI; MASSUCHIN; CARVALHO, 2016) e o papel do jornalismo nesse contexto (WINSTOR; WINSTOR, 2020). Na sequência, abordamos o cenário da pandemia da Covid-19 no Brasil, a instalação e andamento da CPI, e as mídias digitais como arenas para debates sobre o assunto (PINTO *et al.*, 2020; LERNER; CARDOSO; CLÉBICAR, 2021). O percurso metodológico, a análise dos 602 *tweets* e os resultados descritivos estão concentrados na quarta seção desta pesquisa.



Por fim, em “considerações finais”, pontuamos os achados desta análise, onde é possível identificar que a extrema-direita, no Twitter, questiona a legitimidade da CPI da Covid-19 e acusa a Comissão de compartilhar informações sigilosas com a imprensa e outras mídias. Com linguagem conspiratória e de teor irônico, as postagens contemplam informações de veículos como a Jovem Pan, Senso Incomum e O Antagonista com o intuito de validar o conteúdo.

2 Desconfiança nas instituições e desinformação

Quando tratamos de desconfiança nas instituições, é necessário compreender algumas características que as democracias representativas contemporâneas apresentam, como o distanciamento entre o sistema político formal e os cidadãos, a desqualificação dos agentes políticos, os consecutivos atos de corrupção e a má administração pública, o que acabam levando a ampliação da desigualdade social e do sentimento de impotência das ações políticas.

Essas características do campo político brasileiro se chocam com o nascimento das novas direitas, que utilizaram o ambiente das redes sociais nos últimos anos para compartilhar notícias falsas e rumores, no intuito de construir novos discursos, sem a grande mídia como referência, produzindo uma nova estratégia de modulação das opiniões da esfera pública.

Complexificando essa crise representativa, o campo político foi tensionado nos últimos 15 anos (CERVI; MASSUCHIN; CARVALHO, 2016) com as tecnologias de informação e comunicação que navegam pela internet, retirando assim a centralidade do poder de influência das mídias tradicionais, como o rádio e a televisão, e passaram a possibilitar uma contra força aos cidadãos, permitindo a eles uma participação nas decisões políticas, a partir da criação de protestos, manifestações, mobilizações, plebiscitos online, de forma mais rápida, ampla e ininterrupta.

Dessa forma, a internet seria a responsável por modificar o polo de transmissão da informação, tirando das mídias de massa o controle da informação, permitindo que políticos e cidadãos passassem a interagir diretamente, não necessitando da intermediação e filtragem da mídia da massa (GOMES, 2007), bem como dos grupos de pressão ou até dos partidos políticos (KAKABADSE *et al.*, 2003).



Já na terceira fase desse desdobramento comunicacional, denominada de pós-web, os dispositivos colocam uma lógica desterritorializada, e as informações políticas que trafegam pela web passam a escoar em direção aos centros de compartilhamento e difusão de forma viral, através de dispositivos como *smartphones* e *tablets*.

Nessa mesma conjuntura que, inicialmente, foi vista de forma muito otimista pela literatura, ocorreu a ascensão das novas direitas no Brasil que, aproveitando-se dos protestos feitos nas Jornadas de Junho de 2013, da crise dos governos de esquerda e de um sentimento coletivo anticorrupção, impõem um novo jogo ao campo político, ao desqualificarem toda a estrutura política institucional, através de uma ideologia negacionista e antidemocrática.

Após Michel Temer assumir o poder e aprovar inúmeras reformas neoliberais sem sucesso, a piora da situação econômica no país elevou-se juntamente com a baixa taxa de aprovação de seu governo. Temer conclui o seu mandato de dois anos e sete meses com uma impopularidade recorde e ameaçado por denúncias de corrupção. É nesse vácuo deixado pelo partido de oposição ao PT, que Bolsonaro se projeta como liderança nacional (CHALOUB *et al.*, 2018), trazendo a extrema-direita ao circuito presidencial.

As eleições de 2018, marcadas pelo uso de robôs e pela difusão massiva de *fake news*, que interferiram decisivamente na política do país, foram acompanhadas por uma profunda crise de desconfiança nas instituições representativas e de uma revolta contra a democracia liberal. Com o processo de transição democrática de inúmeras nações de regimes fechados, o entusiasmo e expectativas acerca da democracia acentuaram-se. No entanto, o fracasso da democratização em alguns países (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018) tornou como tema central da reflexão política a recessão democrática. Nesse cenário, a confiança no novo regime deu lugar ao ceticismo e à descrença, como indica Ribeiro (2011, p. 169).



A ineficiência da maioria dos regimes [democráticos] implementados no atendimento dessas expectativas, sobretudo nas áreas econômicas e sociais, levaram gradualmente ao desencanto e ceticismo em relação ao sistema político, o que aparece claramente nas atuais taxas de confiança depositadas em suas instituições fundamentais. Assim, a desconfiança nesse amplo conjunto de nações não poderia ser considerada resultado de uma mudança cultural produzida pela emergência de gerações de indivíduos socializados em contextos sócio-econômicos mais favoráveis, mas sim efeito da desilusão em relação ao sistema político concretamente existente e, principalmente, ao desempenho de suas instituições.

A crise das democracias ocidentais contemporâneas não é algo totalmente novo e desconhecido da literatura. Entretanto, as redes sociais impulsionaram esse cenário globalmente e cidadãos voltaram seus olhos para líderes autoritários e populistas de direita como uma perspectiva alternativa à ordem estabelecida.

Na esteira do fenômeno denominado trumpismo, Empoli (2020) inclui o Brasil como caso emblemático entre os países e lideranças que promoveram um movimento populista e antipolítico na internet. Segundo o autor, essa estratégia possibilitou a eleição do atual presidente (2018-2022) após uma massiva campanha de *fake news* em grupos de *WhatsApp* e nas redes sociais. Para Empoli (2020), o fenômeno é passível de ser observado também na televisão aberta em programas sensacionalistas, como o Brasil Urgente da Rede Bandeirantes e o Balanço Geral da Rede Record.

Esse debate sobre desinformação e crise democrática serve como ferramenta para identificar uma crise epistemológica do próprio jornalismo como instituição mediadora dos debates na esfera pública. O jornalismo em suas bases epistemológicas promete uma neutralidade e objetividade dos fatos que não consegue entregar. Os pesquisadores Brian Winstor e Matthew Winstor (2020) defendem que as raízes da crise do conhecimento jornalístico podem ser identificadas nos fundamentos ideológicos das notícias. Dessa forma, a perda da credibilidade não seria um produto da desinformação, mas sim a falha do jornalismo em ofertar algo que está fora de seu alcance.

As raízes das notícias falsas argumentam que as notícias falsas não são um problema causado pelo poder da Internet, ou pelo fracasso do bom jornalismo em se afirmar. Em vez disso, é nos fundamentos ideológicos das notícias - profissionalismo, neutralidade e, mais especialmente, objetividade - que as verdadeiras raízes da atual 'crise' podem ser encontradas. (WINSTOR; WINSTOR, 2020, p. 4).



A crise de representatividade, somada às potencialidades de comunicação e articulação política na *web*, possibilitou a eleição de um presidente com ideais conservadoras e autoritárias. A escalada de radicalismo se reflete no mundo virtual, onde novas vozes e atores conseguem participar da esfera pública, muitas vezes com mais capacidade de gerar visibilidade do que a imprensa jornalística. Esse desarranjo da visibilidade (ALVES, 2019) aponta para um desequilíbrio muito grande a favor de atores radicais de direita.

O campo da direita investiu em uma estratégia de arregimentação da visibilidade com forte produção de mensagens nas mídias sociais, sobretudo, alguns canais chegaram a publicar quatro vezes mais do que veículos jornalísticos estabelecidos; o que sugere uma especialização das rotinas e investimentos de recursos (ALVES, 2019, p. 266).

Existem correntes teóricas que enxergam a desconfiança nas instituições como algo não essencialmente negativo (NORRIS, 2011), visto que essa desconfiança poderia fazer parte de um modelo de cultura política descontente com o funcionamento das instituições, porém altamente democrática com o objetivo de lutar pela melhoria da democracia e das instituições que as representam. Essas correntes funcionam em democracias consolidadas, contudo, no caso da democracia brasileira - onde os indivíduos ainda não desenvolveram um alto reservatório de legitimidade democrática -, a desconfiança pode deteriorar a adesão normativa, deslocando a desconfiança relacionada à dimensão avaliativa sobre o funcionamento das instituições para a própria democracia como um todo.

É preciso considerar as possíveis consequências da manutenção dos altos níveis de desconfiança sobre os valores e atitudes democráticas dos cidadãos, pois o reservatório de legitimidade não é infinito e pode ser erodido pela constante desilusão com as instituições do regime. Mesmo uma postura democrática crítica pode ser minada, sobretudo por que entre os públicos das nações latino-americanas nas demais condições para a emergência de uma cidadania crítica não se fazem presentes. Como já mencionamos, Moisés e Carneiro (2008) recolheram indícios que são no mínimo preocupantes em termos desses efeitos potencialmente perigosos para o médio e longo prazo (RIBEIRO, 2011, p. 179).

Outra justificativa que se sustenta nos motivos para estudar as crises nas instituições representativas e o negacionismo científico, que se reflete na fratura das bases epistemológicas do jornalismo e da democracia liberal, é a pandemia do novo coronavírus. Em discursos e entrevistas, o presidente do Brasil (2018-2022) vem



minimizando o impacto da Covid-19 desde seu início, no começo de 2020. Sua narrativa negacionista (FONSECA *et al.*, 2021) se reflete em seus apoiadores, que acusam a grande mídia de propagar mentiras sobre a doença, negam a realidade do vírus e protestam contra às medidas de isolamento e restrições impostas para conter a crise sanitária.

Nesse sentido, a politização da pandemia pela extrema-direita populista, identitária e digital é um fenômeno comunicacional, que dissemina seus conteúdos por meio de narrativas que constroem e propagam imagens públicas, a fim de deslegitimar a autoridade da razão da ciência, do jornalismo e de outras instituições representativas.

3 Cenário da pandemia, CPI da Covid-19 e mídias digitais

No Brasil, a pandemia da Covid-19 foi anunciada pelo Ministério da Saúde como uma crise emergente de saúde pública em fevereiro de 2020, enquanto na Europa já registravam centenas de casos. Após o primeiro caso confirmado em 26 de fevereiro, veio a declaração de transmissão comunitária no país em março, mês em que também foi registrada a primeira morte pela variante SARS-CoV-2 (BRASIL. UNASUS, 2020).

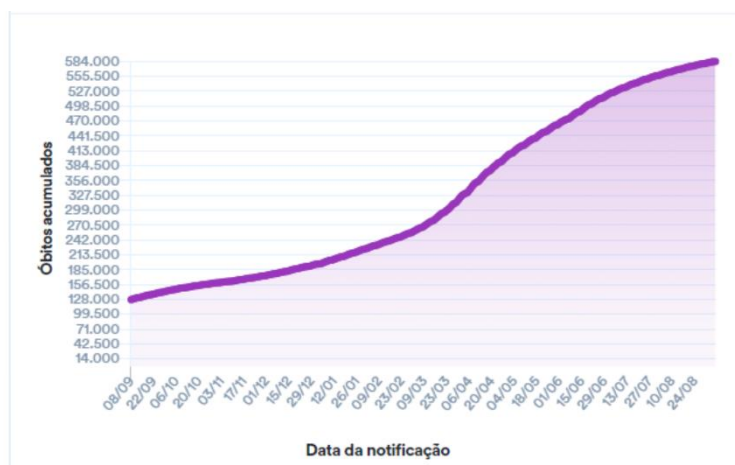
Diante do cenário, medidas de prevenção, de distanciamento e de isolamento foram implementadas por autoridades representativas² em cada estado, conforme às orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde. O cenário instalado não só trouxe uma crise epidemiológica a nível global, como também vem trazendo implicações na economia, na política e nos demais campos sociais (CERVI; MASSUCHIN; CARVALHO, 2016; GOMES, 2021). Até setembro de 2021, mais de 20 milhões de casos foram confirmados e mais de 580 mil vidas foram ceifadas em decorrência da contaminação pelo vírus no Brasil³.

² A Lei N° 13.979 de 06 de fevereiro de 2020 dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019.

³ Números confirmados no portal <https://covid.saude.gov.br/>, em 07 de setembro de 2021, durante coleta desta pesquisa. Em outubro de 2022, dados no mesmo portal apontam 668.157 óbitos.



Gráfico 1 – Óbitos acumulados de COVID-19 por data de notificação



Fonte: Painel Coronavírus. Disponível em: covid.saude.gov.br.

Com a crise instalada, a repercussão ganhou, desenfreadamente, debates nos espaços online, entre eles nas mídias sociais (PINTO *et al.*, 2020; LERNER; CARDOSO; CLÉBICAR, 2021). As narrativas que diminuem e silenciam o impacto da pandemia da Covid-19 foram os temas mais comuns entre os abordados nessas arenas midiáticas, contribuindo para uma crise nas instituições, como no jornalismo e na ciência (GOMES, 2021; SANTOS, 2021). Esta crise global também é caracterizada por uma polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco (RECUERO; SOARES; ZAGO, 2020). Vale ressaltar que a pandemia da Covid-19 chegou quando a extrema-direita estava no seu ápice de expansão e visibilidade (GOMES, 2021), com ênfase para sua atuação nos espaços digitais.

A CPI da Covid-19, também chamada de CPI da Pandemia, CPI do Coronavírus, ou simplesmente CPI da COVID, foi criada em 13 de abril de 2021, objetivando investigar supostas omissões e irregularidades nas ações do Governo Federal durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. Esta foi oficialmente instalada no Senado Federal em 27 de abril de 2021, com diversas prorrogações e prevista para conclusão até final de 2021 (SENADO NOTÍCIAS, 2021).



A comissão parlamentar de inquérito, que se debruça a fiscalizar o que se passa nos bastidores das ações referentes à pandemia, já é considerada um marco para a história democrática do país. A CPI evidencia e documenta, cronologicamente, todas as etapas de omissões, desinformações e desvios, pelo Governo Federal (SENADO FEDERAL, 2021), no que tange o combate ao vírus, que provocou mais de meio milhão de mortes.

Após divulgação do relatório da CPI, que atribuiu nove crimes (prevaricação; charlatanismo; epidemia com resultado morte; infração a medidas sanitárias preventivas; emprego irregular de verba pública; incitação ao crime; falsificação de documentos particulares; crime de responsabilidade e crimes contra a humanidade) ao atual governo (2018-2022), o presidente da República declarou que a investigação se tratava de uma “palhaçada”⁴ e que os senadores prejudicaram a economia brasileira, afastando investidores e turistas durante o período. Segundo o relatório, foram identificados ainda 29 tipos penais e o indiciamento de 66 pessoas e duas empresas (SENADO FEDERAL, 2021).

Contudo, a produção de conteúdo, que passou a ser percebida e identificada como ações que incorrem em enquadramentos tendenciosos ao sabor de interesses político-partidários (SENADO FEDERAL, 2021) foi vista com mais evidência por usuários mais ativos, como os líderes de opinião, influenciadores de conteúdo, ativistas, comentaristas e *bots* (RECUERO, SOARES, ZAGO, 2020) presentes nas redes sociais, como no Twitter.

A plataforma é também um serviço de micro blog para comunicação em tempo real usada por milhões de pessoas e organizações. No Brasil, a rede social atingiu mais de 17 milhões de usuários ativos em julho de 2021, conforme mostra o relatório divulgado pelo DataReportal⁵. Com publicações em até 140 caracteres, os interconectados na rede publicam atualizações no site, conhecidas como “*tweets*”, para compartilhar, trocar e descobrir informações. Uma vez que o usuário publica um *tweet*, a mensagem é publicada em seu perfil e enviada para a página inicial (ou

⁴ Disponível em: <https://noticias.plu7.com/20188/politica/bolsonaro-diz-que-cpi-esta-fazendo-uma-palhacada-e-que-o-relatorio-do-renan-e-para-jogar-no-lixo/>. Acesso em: 29 out. 2022.

⁵ Disponível em: <https://datareportal.com/essential-twitter-stats?rq=twitter>. Acesso em: 29 out. 2022.



“feeds”) de usuários seguidores que se inscreveram para receber as atualizações daquela página.

Os usuários das redes sociais com maior visibilidade e aderência, que se agregam ao fenômeno de comunicação que a extrema-direita se tornou (GOMES, 2021), propagam conteúdos que andam na contramão do que a ciência e o jornalismo afirmam e divulgam, valendo-se das possibilidades abertas que as próprias redes sociais proporcionam, como é o caso do Twitter. Aqui, damos ênfase para os perfis mantidos por apoiadores e engajadores da extrema-direita, como *BrazilFight*, Direita Verde Amarela e Direita Brasil, que juntos aglomeram 600 mil seguidores.

Figura 1 – Perfis no Twitter de páginas da extrema-direita



Fonte: Twitter: @brazilfight. Disponível em: <https://twitter.com/brazilfight>. Acesso em: 29 out. 2022.

Twitter: @verdeeamarela38. Disponível em: <https://twitter.com/verdeeamarela38>. Acesso em: 29 out. 2022.

Twitter: @direitabrasil. Disponível em: <https://twitter.com/DireitaBrasil>. Acesso em: 29 out. 2022.



A presença ativa desses usuários, no Twitter, afeta a estrutura e participação na rede, já que as mensagens compartilhadas dependem dos *retweets* para ganharem forças. A interferência desses perfis proporciona a circulação em massa de mensagens que podem deslegitimar ações que apuram as omissões do Governo Federal, assim como eventuais desvios de recursos federais para o enfrentamento da pandemia (SENADO FEDERAL, 2021). Assim, diante da primeira crise sanitária instalada em um cenário com agentes públicos e cidadãos comuns hiperconectados, pesquisadores e cientistas nutrem e investigam o conceito de infodemia⁶, que é caracterizada por desinformações que circulam nas plataformas digitais, principalmente por meio de dispositivos móveis, sedimentadas nas redes sociais (PINTO *et al.*, 2020).

Ainda que a cobertura tradicional denuncie ações do atual governo em escala nacional e até mesmo com repercussão internacional, é válido compreender esse fenômeno comunicacional (GOMES, 2021) que esses agentes conseguiram alcançar. Ainda que dramas pessoais e imagens impactantes de dor, números de óbitos e degradação da situação da saúde pública façam parte da cobertura tradicional, limitar-se a isso é contribuir para a manutenção de uma visão distorcida dos efeitos da epidemia (CERVI; MASSUCHIN; CARVALHO, 2016) e pode contribuir para manter validado o discurso da extrema-direita em perfis das redes sociais.

Para isso, como forma de compreender esse fenômeno que arrasta milhares de seguidores e apoiadores, é importante analisar a performance desses influenciadores de conteúdo que, segundo Recuero, Soares e Zago (2020), “são usuários com autoridade para influenciar as discussões a partir do conteúdo que produzem” (p. 8). Nesta categoria, os autores citam como exemplo os veículos jornalísticos, organizações sociais e produtores de conteúdo desinformativo, como os veículos hiperpartidários. Estes veículos, geralmente, são oriundos das mídias digitais, e seus conteúdos estão ligados a cunho político/partidário, produzindo e impulsionando conteúdos que percorrem caminhos opostos ao jornalismo tradicional. A base das mensagens compartilhadas por esses atores são informações falsas ou

⁶ O termo foi criado por *Eysenbach* em 2002 e deriva de *Infodemiologia* – disciplina que estuda a distribuição de informações e desinformação em saúde.



manipuladas, e os agentes impulsionadores dessas informações mascaram como se fosse uma versão do jornalismo tradicional (LARSSON, 2019; MOURÃO, ROBERTSON, 2019; RECUERO; SOARES; ZAGO, 2020).

Dentro da categorização estabelecida pelos autores citados, incluímos as páginas gerenciadas por atores da extrema-direita, no Twitter, na categoria dos veículos hiperpartidários, como o perfil da *BrazilFigth*, objeto de análise desta pesquisa. O perfil possui maior engajamento em relação à Direita Verde e Amarela e à Direita Brasil, apesar de conter menos seguidores do que a Direita Verde e Amarela. Esta não atinge o percentual de *retweets*, curtidas e comentários da *BrazilFigth*.

Como forma de sustentar o discurso dos governantes ligados à extrema-direita, os gerenciadores da página utilizam-se do lema “Brasileiros e patriotas, reunindo os que querem combater a narrativa esquerdista. Por um Brasil melhor para nossos filhos e netos.”, e focam em imagens e cores relacionadas ao símbolo da bandeira do Brasil.

O perfil da *BrazilFigth* está ativo desde março de 2019 e contava com mais de 200 mil seguidores (Figura 2) até a data da coleta dos dados desta pesquisa.

Figura 2 – Perfil da *BrazilFigth* no Twitter



Fonte: Twitter: @brazilfigth. Disponível em: <https://twitter.com/brazilfigth>. Acesso em: 29 out. 2022.



4 Percurso metodológico

O presente estudo se desenvolve através da análise de conteúdo que se dá a partir do monitoramento da página *BrazilFight*. Foram analisados 3.200 *tweets* da página, considerando que este é o número máximo de *tweets* permitidos para coleta pela API (*Application Programming Interface*). A API do Twitter é uma interface da plataforma que retorna dados públicos e que não viola as políticas de privacidade da plataforma.

A metodologia proposta para este estudo é a Análise de Conteúdo (AC), fundamentada a partir dos pressupostos de Bauer (2002) e Krippendorf (2004). Esse método analítico é conduzido a partir de três etapas principais que devem ser seguidas. A primeira etapa os manuais denominam de **(a)** planejamento, que serve para o pesquisador fazer um levantamento do que será utilizado para análise ou não, além da escolha da amostra. A segunda etapa é a **(b)** coleta dos dados, onde o pesquisador deverá organizar sua unidade de registro, com auxílio de alguma ferramenta – que neste caso utilizou-se o excel –. Por fim, a terceira etapa é **(c)** a sistematização, parte onde os dados serão codificados a partir de um livro de códigos, tornando-se categorias, de acordo com critérios específicos, advindos da literatura.

Essa metodologia possui um foco na compreensão dos dados, ou seja, o pesquisador olha para o texto e tenta compreender o que o texto está expressando com relação ao fenômeno que está analisando. Para que a raspagem desses dados seja possível, a Análise de Conteúdo possibilita o uso de *softwares* para sua realização (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2018, p. 38). Neste trabalho, para coletar o material do *Twitter*, foi utilizado o *software* R, que possibilitou a captura de dados em planilhas para serem codificadas posteriormente a partir de variáveis e códigos.

A página *BrazilFight* foi escolhida seguindo critérios quantitativos e qualitativos. Numa análise exploratória mapeou-se as contas classificadas como de extrema-direita pela literatura, que obtinham mais seguidores e número de publicações diárias, indicando a relevância da página para seus seguidores. Ainda, observou-se as contas que se autodenominam como de direita em suas descrições, e sempre acionavam atores de direita em seus conteúdos, fortalecendo e amplificando argumentos e pautas da elite política de direita.



É importante frisar que o período proposto para a análise não parte de nenhum critério subjacente, e foi elencado pelo fato da chave *API* do Twitter permitir a raspagem de dados somente até 3.200 publicações. Portanto, utilizou-se toda a amostra de dados disponibilizada pelo *software* até a data limite. A partir dos 3.200 *tweets* coletados por meio da ferramenta, selecionamos apenas os que faziam menções à CPI da Covid-19. Assim, o *corpus* desta pesquisa delimitou-se em 602 *tweets*. Embora a CPI da Covid-19 foi criada em 13 de abril de 2021 e instalada oficialmente em 27 de abril, o *software* R não viabilizou a extração desses dados a partir desta data. Vale destacar que o *software* coleta os dados cronologicamente em ordem decrescente até completar o limite máximo de 3.200 *tweets*.

Logo, o recorte temporal do *corpus* desta pesquisa ficou entre os dias 12 de junho (data fim e que atingiu os 3.200 *tweets*) e 19 de agosto de 2021 (data em que deu início a coleta de dados pelas autoras), totalizando 68 dias corridos, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Quantidade/Porcentagem dos dados coletados por período

PERÍODO	TOTAL DE TWEETS	%	TWEETS (CPI)	%
12/06 a 11/07 (30 dias)	1.635	51,09	400	66,45
12/07 a 11/08 (30 dias)	1.138	35,56	137	22,76
12/08 a 19/08 (8 dias)	427	13,34	65	10,80
Total	3.200	100	602	100

Fonte: Elaboração própria.

No gráfico 1 nota-se que entre os *tweets* coletados nos meses de junho, julho e agosto, 18,8% destes tratavam sobre a CPI da Covid-19. Vale ressaltar que entre os 81,2% (outros) foram encontrados conteúdos voltados para demais aspectos da pandemia.

Após os dados serem estruturados em planilhas, dividimos a quantidade de *tweets* por datas e classificamos por variáveis e categorias, que foram estruturadas com base em um livro de códigos elaborado pelas autoras, após uma análise geral do objeto da pesquisa, metodologia e aporte teórico proposto para justificar o estudo. A amostra de 602 *tweets* com menções à CPI da Covid-19 foram codificadas segundo as variáveis e categorias construídas a partir dos pressupostos de Bauer (2002) e Krippendorff (2004).



As análises descritas consideram as variáveis explicativas: a) ataques institucionais; (b) ataques em geral; (c) político/partido atacado; (d) formato dos conteúdos; (e) conteúdos de deslegitimação; (f) tipos de discursos; (g) características dos discursos; e (h) fontes citadas. A maior parte das variáveis estabelecidas tiveram a necessidade de ser categorizadas, objetivando analisar os dados com maior precisão, conforme descritas no Quadro 2.

Quadro 2 – Variáveis analíticas

VARIÁVEIS	CATEGORIAS
a) Ataques a instituições políticas	1 - <i>Tweets</i> com ataques à CPI.
b) Ataques em geral	1 - ONGs; 2 - Celebidades; 3 - Ciência/Universidades; 4 - Imprensa; 5 - A quem está trabalhando na CPI.
c) Político/Partido atacado	-
d) Formato	1 - Notícia compartilhada; 2 - <i>Retweet</i> ; 3 - Mensagem simples.
e) Conteúdo de deslegitimação	1 - Mensagens que desconfiavam da ciência ou das instituições científicas; 2 - Que questionavam a legitimidade das entidades da CPI, suas pesquisas ou argumentos; 3 - Que deslegitima a validade-político institucional da CPI perante a Lei; 4 - Que acusa o compartilhamento à imprensa de informações da CPI; 5 - Que deslegitima os profissionais da saúde; 6 - Que discursa sobre a CPI não respeitar recursos legais.
f) Tipos de discursos	1 – Conspiracionista; 2 – Apoio ao presidente; 3 – Destituição dos poderes (STF, legislativos etc.); 4 – Negacionista.
g) Características dos discursos	1 – Ironia/Humor; 2 - Teor radical (acabar com tudo, xingamentos, por exemplo); 3 – Formato jornalístico (links de notícia, formato do texto como se fosse um título de notícia, quando dá a impressão que é um post de jornal).
h) Fontes citadas	-

Fonte: Elaboração própria.



5 Análise e discussões

Quadro 3 - Quantidade/Porcentagem Variáveis A, B e C

VARIÁVEIS (V)	CATEGORIAS (C)	Nº TWEETS	%
a) Ataques institucionais	Ataques à CPI	560	93,2%
b) Ataques em geral	ONGs	0	0%
	Celebridades	0	0%
	Ciência/Universidades	3	0,50%
	Imprensa	7	1,16%
	A quem está trabalhando na CPI	434	72,09%
c) Político/Partido atacado	-	20 (PT)	3,32%

Fonte: Elaboração própria.

O primeiro dado que encontramos (linha 1) é que os ataques institucionais (VA) foram encontrados em 93,02% do total dos conteúdos compartilhados com menção à CPI. Nota-se uma quantidade significativa de ataques à Comissão Parlamentar de Inquérito, que indica que existe um descontentamento do grupo de extrema-direita relacionado à fiscalização da administração pública, como percebido no exemplo: *“QUEREM CRIAR MAIS UMA NARRATIVA RIDÍCULA. #CPIDOCIRCO”*⁷

Na linha 2, onde citam-se os dados referentes aos ataques em geral (VB), o resultado aponta para 434 *tweets* atacando os senadores que estão trabalhando na CPI (C5), ou seja, 72,09% dentre as categorias analisadas, como observado no exemplo:

O RELATOR DA CPI DO CIRCO - Renan - TEM MEDO DE APURAR A VERDADE DOS FATOS?”⁸ e “Quando a resposta não agrada a narrativa de Renan Calheiros, ele refaz a pergunta com outras palavras. Quando a resposta vem igual a da primeira pergunta (pq é a verdade), Calheiros fica estressado e intimida as testemunhas. Não dá pra mudar o que é fato, canalha!”⁹ (BRAZILFIGTH, 2021).

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/BrazilFight/status/1413820615023288320>. Acesso em: 29 out. 2022.

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/BrazilFight/status/1407835895454121985>. Acesso em: 29 out. 2022.

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/BrazilFight/status/1412441957167767554>. Acesso em 29 out. 2022.



Nesta variável (VB), há apenas 3 e 7 ataques instituídos à ciência/universidades (C3) e imprensa (C4), respectivamente. ONGs (C1) e celebridades (C2) não receberam nenhum tipo de menção nessa amostragem.

Outro dado interessante, evidenciado na linha 3, é que foram encontrados 20 *tweets* ligados à atuação dos investigadores da Comissão Parlamentar de Inquérito aos investigadores da Polícia Federal na Operação Lava Jato no governo Lula e Dilma. Logo, o Partido dos Trabalhadores (PT) foi o único partido mencionado nos comentários do grupo. O discurso empregado em todos os *tweets* da variável *partido/político* (VC) se sustenta no argumento, segundo a *BrazilFight*, de que a CPI da Covid-19 está sendo utilizada para “desgastar o governo”, e que o nível de exigência que o Inquérito está solicitando não foi empregado do mesmo jeito na Operação Lava Jato. É necessário lembrar que a Operação Lava Jato foi um conjunto de investigações, realizadas pela Polícia Federal do Brasil, que cumpriu mais de mil mandados de busca e apreensão num esquema de corrupção envolvendo empreiteiras e o Governo Federal, e que nada tem a ver com uma CPI.

Quando nos referimos ao formato (VD), a maioria dos conteúdos são categorizados em mensagens simples (C3), equivalentes a 524 *tweets*. Essas mensagens expressam em sua maioria opiniões e comentários dos gerenciadores da página. Nesta mesma variável, há a presença de 58 notícias compartilhadas (C1), oriundas de outros sites, e 20 *retweets* (C2). O tipo de conteúdo de deslegitimação (VE) presente nos *tweets* analisados indicam que as mensagens que desconfiavam da ciência ou das instituições científicas (C1) representam apenas 1% do total dos conteúdos, verificando a presença de 6 *tweets*. Por outro lado, os discursos que questionam a legitimidade das entidades da CPI, suas pesquisas ou argumentos (C2) foram encontrados em 16,94% dos casos, isto é, dos 602 *tweets* analisados, 102 apontam para esse tipo de conteúdo.

Na categoria dos conteúdos que deslegitimam a validade-político institucional da CPI perante a Lei (C3), destaca-se a presença de 24 *tweets*, o que representa 3,99% do total. Em seguida, com 14,95% (90 *tweets*) dos ataques, encontra-se o discurso que acusa a CPI de compartilhar informações (C4) sigilosas, segundo à página, com a imprensa e outras mídias. Nas categorias relacionadas aos discursos que deslegitimam os profissionais da saúde (C5) e que acusam a CPI de não respeitar



recursos legais (C6), foram encontrados 1 e 36 *tweets*, representando 0,17% e 5,98%, respectivamente.

Em síntese, na variável dos conteúdos que deslegitimam a CPI da Covid-19, nota-se, portanto, um descontentamento em relação à legitimidade e validade político-institucional da CPI perante a Lei, a maioria do conteúdo acusando os senadores de estarem tomando medidas que não cabe a eles, ou descumprindo as ordens legais para conseguir informações. Além disso, é visto uma preocupação da divulgação de informações sobre o andamento do inquérito nos jornais da TV e veículos de mídia na internet.

Os tipos de discursos encontrados (VF) apresentam linguagem conspiracionista (C1), com a palavra “conspiração... contra o governo”, sendo encontrada em 60 *tweets* da amostragem. Os demais tipos de discursos são de apoio ao presidente da República (C2), Jair Bolsonaro, totalizando 36 *tweets*; de destituição dos poderes (C3) com 30 *tweets*; e de discurso negacionista (C4) com 12 *tweets*.

A característica central desses discursos (VG) contém, em maioria, teor de ironia/humor (C1), totalizando 168 *tweets*. Constata-se, portanto, quando se diz respeito à CPI, que o grupo de direita não tende a utilizar com maior frequência o teor radical (C2), que foi identificado apenas 12 *tweets*, mas aposta em ironia e sarcasmo, como expressões “a CPI do circo” e “CPI da comédia” e “rindo com as atuações em mais um capítulo dessa novela”. O formato jornalístico (C3) foi observado em 66 *tweets*, classificando-se em segunda característica mais evidenciada.

Por fim, na última variável empregada, que diz respeito a fontes informativas citadas (VH), constatou-se que o perfil *BrazilFight* cita em suas menções apenas veículos considerados de direita, tais como: Veja, Jovem Pan, Senso Incomum e O Antagonista. Este último está presente em 55,84% dos conteúdos, totalizando 43 dos 77 *tweets* que contém fontes citadas, recebendo o primeiro lugar em veículo mais utilizado pelo perfil para compartilhar informações sobre a CPI.



6 Considerações finais

Os dados apresentados e analisados nesta pesquisa apontam que a extrema-direita, representada pela *BrazilFight*, ataca à CPI da Covid-19, atingindo 93,02% (VA) do total dos conteúdos compartilhados. Observa-se também que 72,09% (VB) evidencia ataques às pessoas que trabalham na CPI. Entre os 602 *tweets* analisados, nota-se a menção de um único partido (VC), o PT, sendo citado 20 vezes.

O formato do conteúdo (VD) mais visto na página é originado de mensagens simples, representando 87% do total. Estas são descritas a partir do ponto de vista dos gerenciadores, ficando atrás dos *retweets* e das notícias compartilhadas. Dentre os tipos de conteúdo que deslegitimam (VE), 16,94% questionam a legitimidade das entidades da CPI, suas pesquisas ou argumentos e 14,95% acusam a CPI de compartilhar informações sigilosas com a imprensa e outras mídias.

Os tipos de discurso (VF) mais visto possuem uma linguagem conspiracionista, com teor irônico (VG). As postagens contendo ironia totalizam 168 *tweets*. Nota-se também a presença de fontes informativas (VH) com intuito de legitimar o conteúdo postado. A presença de veículos como Veja, Jovem Pan, Senso Incomum e O Antagonista é evidente nos *tweets* analisados. Destaca-se O Antagonista com fonte citadas na maior parte dos conteúdos.

Dialogando com Ribeiro (2011), os resultados apontam que há manutenção de altos níveis de desconfiança do grupo de extrema-direita no que diz respeito às instituições do regime democrático, e, neste caso, em instrumentos de fiscalização de atos administrativos, como a CPI. Conclui-se também que os pressupostos de Winstor e Matthew Winstor (2020) de que os grupos de direita tendem a imitar uma narrativa jornalística, bem como utilizar sites alternativos à mídia tradicional para compartilhar informações, encontram-se presentes nas análises dos dados da *BrazilFight*.

Este estudo abre agenda para outras pesquisas que têm os atores da extrema-direita como objeto de estudo e que abre novas lacunas para a investigação desses fenômenos nas mídias digitais.



Referências

- ALVES, Marcelo. **Desarranjo da visibilidade, desordem informacional e polarização no Brasil entre 2013 e 2018**. 2019. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa quantitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BRASIL. UNA-SUS. **Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso da doença**. Brasília: Ascom, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 29 out. 2022.
- CERVI, Emerson U.; MASSUCHIN, Michele G.; CARVALHO, Fernanda C. de. (orgs.). **Internet e eleições no Brasil**. Curitiba: CPOP (Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública), 2016. E-book. Disponível em: https://cpop.ufpr.br/wp-content/uploads/2016_ebook_cpop_internet_e_eleicoes_no_brasil_cervi.pdf. Acesso em: 29 out. 2022.
- CHALOUB, Jorge *et al.* Apresentação: direitas no Brasil contemporâneo. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/issue/view/631>. Acesso em: 29 out. 2022.
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020.
- FONSECA, E. M. da *et al.* Political discourse, denialism and leadership failure in Brazil's response to COVID-19. **Global Public Health**, EUA, v. 16, n. 8-9, p. 1251–1266, 2021. DOI:10.1080/17441692.2021.1945123. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34161187/>. Acesso em: 29 out. 2022.
- GOMES, Wilson. A pandemia como um problema de comunicação e política. **Cult**, São Paulo, 26 mar. 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pandemia-como-problema-de-comunicacao-politica/>. Acesso em: 29 out. 2022.
- GOMES, Wilson. Democracia digital: que democracia. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, 2., 2007, Belo Horizonte, MG. **Anais [...]**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2007. Disponível em: http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/gt_ip-wilson.pdf. Acesso em: 29 out. 2022.
- KAKABADSE, Andrew *et al.* Reinventing the democratic governance project through information technology? A growing agenda for debate. **Public Administration Review**, USA, v. 63, n. 1, p. 44-60, 2003. DOI <https://doi.org/10.1111/1540-6210.00263> Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1540-6210.00263>. Acesso em: 29 out. 2022.
- KRIPPENDORF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. London: Sage Publications, 2004.



LARSSON, Anders Olof. News use as amplification: norwegian national, regional and hyperpartisan media on facebook. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, USA, v. 96, p. 3, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/1077699019831439>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1077699019831439>. Acesso em: 29 out. 2022.

LERNER, K.; CARDOSO, J. M.; CLÉBICAR, T. Covid-19 nas mídias: medo e confiança em tempos de pandemia. In: MATTA, G. C.; REGO, S.; SOUTO, E. P.; SEGATA, J. (eds). **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2021. p. 221-231.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Zahar, 2018.

MOURÃO, Rachel R.; ROBERTSON, Craig T. Fake news as discursive integration: an analysis of sites that publish false, misleading, hyperpartisan and sensational information. **Journalism Studies**, Routledge, v. 20, n. 14, p. 2077-2095, 2019.

NORRIS, P. **Democratic deficit: critical citizens revisited**. United Kingdom : Cambridge University Press, , 2011.

PINTO, P. A. *et al.* COVID-19 no Instagram: práticas de comunicação estratégica das autoridades de saúde durante a pandemia. **Comunicação Pública**, Lisboa, v. 15, n. 29, p. 1–18, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/11288>. Acesso em: 29 out. 2022.

RECUERO, R.; SOARES, F.; ZAGO, G. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre Covid-19 no twitter. 2020. Preprint Scielo. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1154/version/1232> Acesso em: 29 out. 2022.

RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. Confiança política na América Latina: evolução recente e determinantes individuais. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 167-182, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31693>. Acesso em: 29 out. 2022.

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diógenes. Eu quero acreditar! Da importância, formas de uso e limites dos testes de confiabilidade na análise de conteúdo. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 26, n. 66, p. 31-47, jul. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/60598>. Acesso em: 29 out. 2022.

SANTOS, N. F. Fontes de informação nas redes pró e contra o discurso de Bolsonaro sobre o coronavírus. **E-COMPÓS**, São Paulo, v. 24, jan-dez., p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/download/2210/2024>. Acesso em: 29 out. 2022.

SENADO FEDERAL. **CPI da pandemia: relatório final**. Brasília: Senado Federal, 26 out. 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>. Acesso em: 29 out. 2022.

SENADO NOTÍCIAS. **CPI da pandemia é prorrogada por mais 90 dias**. Brasília: Agência do Senado, 14 jul. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/14/cpi-da-pandemia-e-prorrogada-por-mais-90-dias>. Acesso em: 29 out. 2022.

WINSTON, Brian; WINSTON, Matthew. **The roots of fake news**. London; New York: Routledge, 2020.